

Fragmentos de inscrições paleocristãs, inéditas, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

Maria Manuela Alves Dias *

Resumo

Na sequência do trabalho desenvolvido pela A. na colecção epigráfica do MNAE, e após a publicação de um conjunto de inscrições romanas inéditas de Cárquere, Resende (*O Arq. Port.*, s. IV, 4, 1986, p. 185-202), editam-se agora alguns fragmentos lapidares que, reagrupados, constituem parte de duas inscrições funerárias paleocristãs do sul de Portugal.

Abstract

After an article presenting some unpublished roman inscriptions from Cárquere, Resende, in the north of Lusitania (O Arq. Port., s. IV, 4, 1986, p. 185-202), this paper offers the study of two also unpublished fragmented christian epitaphs from the south of Portugal belonging to the Vth and VIth centuries.

* Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa; res. part.: Av. de Madrid, 24, 2.º, dt.º, P-1000 LISBOA.

Fragmentos de inscrições paleocristãs encontrados na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

Maria Helena Alice Dias

Resumo

Na exposição de 1978 do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE) e após a sua inauguração, os investigadores da colecção epigráfica do MNAE, bem como os investigadores do MNAE, descobriram alguns fragmentos de inscrições paleocristãs, que foram encontrados durante a sua visita às inscrições paleocristãs do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Palavras-chave

Após as várias pesquisas de inscrições paleocristãs feitas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE) em 1978, foram encontrados alguns fragmentos de inscrições paleocristãs, que foram encontrados durante a sua visita às inscrições paleocristãs do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Após as várias pesquisas de inscrições paleocristãs feitas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE) em 1978, foram encontrados alguns fragmentos de inscrições paleocristãs, que foram encontrados durante a sua visita às inscrições paleocristãs do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Após as várias pesquisas de inscrições paleocristãs feitas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE) em 1978, foram encontrados alguns fragmentos de inscrições paleocristãs, que foram encontrados durante a sua visita às inscrições paleocristãs do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE), existem bastantes fragmentos de inscrições paleocristãs provenientes, na sua maior parte, de Mértola, da Silveirona (Estremoz) e do Algarve; um trabalho aturado e criterioso de combinação dos fragmentos ajustáveis permite, em muitos casos, a restituição de novos textos epigráficos, nem todos decerto completos, mas, minimamente utilizáveis, já não só na caracterização paleográfica mas ainda no do estudo dos formulários e da iconogra-



fia, mesmo da onomástica. É evidente que estes trabalhos de recuperação apresentam alguns riscos de erro, somente reduzidos pela análise cuidada das fracturas, da natureza do suporte, do traço paleográfico e do cálculo das medidas que os restos do próprio texto permitem.

1. Em 1942, o Rev. Pe. José Vives S. I. publicava a inscrição funerária paleocristã de *Faustianus*, datada do ano 470 e procedente de Mértola ¹: ora, no reverso do suporte desta inscrição, existia uma outra inscrição que J. Vives não viu; trata-se pois de uma lápide funerária reaproveitada, como suporte de escrita no mesmo cemitério (situação que não é nova na epigrafia paleocristã de Mértola); a lápide está incompleta, mas devia medir aproximadamente $\pm 75 \times \pm 45$ cm, de espessura mede 2 cm; dos oitos fragmentos ² que nos restam da lápide dá-se agora a leitura do texto inédito: (vestígios de decoração não identificada)

Rest[itu]tus fa
[mulus D]ei v
[ixit annos
plus] m̄iñ [us...
5 [requ]ievi[t in
pac]e sub d[ie
...k]alendā[s
..Sept(embres) era
̄LXI

As nove linhas por que se distribui o texto são bastante regulares, com espaçamentos de 3 cm de altura, e espaços interlineares de 1 a 2,5 cm; na 1.8, a primeira letra visível ocupa a metade superior dessa linha e a metade inferior do espaço interlinear anterior.

Os caracteres desta inscrição medem 3 cm de altura com as hastes terminadas em triângulo; estas terminações são ligeiramente mais profundas que o restante traçado e portanto resistiram com mais facilidade ao acentuado desgaste a que este lado da lápide esteve sujeito, e que é responsável pelo aspecto bastante apagado que actualmente apresenta. Na 1.8 a leitura *Sept(embres)* depende da interpretação que se fizer do que resta da primeira letra visível, a meia altura da l.8 e que ocupa parte do espaço interlinear anterior; podemos admitir que se trata de um *s*, seguido pelo nexa *ep*, e uma forma um tanto cursiva de *t*, com um traço horizontal atrofiado, na metade esquerda, e arqueado para baixo na metade direita, a que se ligaria o sinal de abreviatura, em arco, para cima: mas também podemos admitir que se trata do que resta de um *o*, de módulo mais pequeno que as restantes letras dessa linha, sobreposto por um traço horizontal de abreviatura, a que se seguiria

¹ VIVES, J. — *Un nuevo grupo de inscripciones cristianas visigodas en el museo Etnológico de Lisboa*. "Archivo Español de Arqueología", Madrid, XV, 1942, p. 57; esta inscrição de Mértola, que J. Vives aqui publicou, não pertence já ao grupo das que, provenientes das escavações de S. P. M. Estácio da Veiga, deram entrada no MNAE, antes deve ter sido das que foram trazidas para o Museu por J. Leite de Vasconcellos, embora o "Livro de entradas" não a registre explicitamente.

² Os fragmentos pertenceram a uma placa de calcário cinzento claro, com veios carboníferos. Acima do texto vêem-se alguns traços oblíquos, ligeiramente encurvados, que devem ter pertencido a um motivo decorativo que não conseguimos interpretar.

um *b*, e um *r*, com o traço inferior oblíquo arqueado para cima a indicar a abreviatura permitindo ler, na l.8, [N] *o(vem)br(es)*; em qualquer das hipóteses a forma da terceira letra da l.8 não deixa de ser um pouco divergente da homogeneidade patente, na caracterização paleográfica, desta inscrição.

O nome *Restitutus* é uma hipótese de trabalho; de facto, não se consigna na colectânea das inscrições paleocristãs hispânicas de J. Vives³, embora esteja entre os mais frequentes *cognomina* romanos pagãos que passaram a ser usados em ambientes cristãos, como nome de baptismo⁴.

Esta inscrição está datada do ano 524, o que indica uma reutilização do suporte 54 anos depois de ter servido pela primeira vez como tampa de sepultura.

2. Sem proveniência explícita temos também os fragmentos de uma inscrição, que todavia podem ter vindo das escavações da Silveirona (Estremoz)⁵; o texto, inédito, distribui-se por seis linhas e tem a seguinte leitura:

[Pet]rus ser
 vus D(e)i reces
 [s]it [i]n paçe
 X. [kale]nda[s]
 5 [v]li[as].....
 δX.....

³ VIVES, J. — *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona, 1969, p. 238 e 330; HÜBNER, E. — *Inscriptiones Hispaniae christianae*. Berlin, 1871, p. 141, também o não regista nos índices.

⁴ KAJANTO, I. — *Onomastic studies in the early christian inscriptions of Rome and Carthage*. Helsinki, 1963, p. 118; por ter sido muito vulgarizado em África, tem-se atribuído a este nome e suas variantes, uma origem africana, cf., v.g., DUVAL, N.; PRÉVOT, F. — *Recherches archéologiques à Haïdra*: I. *Les inscriptions chrétiennes*, Rome, 1975, p. 418, n.º 3; sobre a frequência do uso do nome *Restitutus* na onomástica cristã primitiva, cf. MARROU, H. I. — *Problèmes généraux de l'onomastique chrétienne*, in "L'Onomastique latine", Paris, 1977, p. 431-435.

⁵ O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia guarda o importante material proveniente das sepulturas da Silveirona, Estremoz, escavadas quando foi director do MNAE o Prof. Manuel Heleno que certamente o pensava publicar; como tal não se tivesse verificado, mais tarde, alguns investigadores foram autorizados a ver o espólio da Silveirona, e parcelarmente dele foram dando conhecimento. O material desta estação esteve portanto guardado nas reservas durante várias décadas, se bem que algumas peças mais vistosas, depois de devidamente registadas no "Livro de entradas" tenham sido expostas, isto ainda no tempo do Prof. M. Heleno. Do facto do material exumado não ter sido logo registado, na sua totalidade e ter permanecido muito tempo sem ser estudado, já levou a enganos sobre a proveniência das peças, como no caso das inscrições funerárias paleocristãs de *Verianianus* e *Flavianus* dadas como procedentes de Mértola por VIVES — *op. cit.*, n. 3, p. 166-167 (v. nota 1) e corr. por ENCARNACÃO, J. d' — *Epigrafia romana do noroeste alentejano: Nisa, Torre de Palma e Silveirona*. "Conimbriga", Coimbra, XVI, 1977, p. 78, e LAMBRINO, S. — *Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, n.s., III, 1956, p. 6, respectivamente. No caso desta inscrição, além da semelhança paleográfica com a inscrição de *Flavianus*, encontramos alguns dos fragmentos com a indicação de que tinham pertencido à antiga reserva, e ainda com bastante terra, o que indicava que eram provenientes de escavações e não duma colecção particular.

O suporte era uma placa de calcário metamórfico cristalino, da série negra alentejana ⁶, com uma espessura de 2,5 a 3 cm, e de aproximadamente $\pm 44 \times \pm 70$ cm, de que nos restam dez fragmentos.

As letras, de módulo rectangular, medem 6 cm de altura, e a sua correcta colocação nas linhas, assim como o regular espaçamento entre estas, dá ao texto um aspecto muito bem ordenado, para o que concorre igualmente o traçado das letras, isentas de arrebiques e ondulações, a fazer lembrar mais uma tradição paleográfica comum às inscrições romanas pagãs do que as inovações paleográficas, de acentuada influência cursiva, que são as mais usuais nas letras dos epitáfios paleocristãos alentejanos.

Na l.2, é de notar o segundo *e*, de *recessit*, incluso na letra anterior, e o sinal de abreviatura de *Dei* ⁷.

Na l.1, o nome a restituir tinha de obedecer ao pressuposto de que a organização do texto deixava, à esquerda, um alinhamento pelo menos tão perfeito como o que é possível observar no seu lado direito; na falta de vestígios desse alinhamento, a distância, entre ele e o limite do lado esquerdo do suporte, foi calculada a partir das letras necessárias para completar, na l.2, a palavra *servus*: assim na primeira linha podia restituir-se um nome de, no máximo, de seis letras e de que restavam apenas as três últimas; os nomes possíveis, atendendo à existência de vestígios de uma barra vertical sobre o *u* da segunda linha, eram *Petrus* e *Pierus* ⁸.

Esta inscrição apresenta uma particularidade notável: a fórmula de confissão devocional *servus Dei* que não consta dos formulários funerários paleocristãos hispânicos habituais ⁹; usuais são, como se sabe, *famulus Dei* e *famulus Christi*.

À forma verbal *recessit* associa-se normalmente uma apreciável antiguidade ¹⁰; o que resta da datação não permite colocar esta inscrição antes do ano de 472.

⁶ Agradece-se ao geólogo Dr. Fernando Real, do MNAE, as classificações litológicas que fez dos suportes destas inscrições.

⁷ A abreviatura *Di* com traço de abreviatura sobreposto deve desenvolver-se em *Dei*; *Di* pode desenvolver-se em *Domini* quando se insere nas locuções *Domini Christi*, *Domini nostri Christi* ou *in nomine domini nostri Iesu Christi*, cf. GONDI, F. GROSSI — *Trattato di epigrafia cristiana, latina e grega del mondo romano occidentale*. Roma, 1920, p. 159-160, e para exemplificação na Hispânia, VIVES, J. — *op. cit.*, n. 3, p. 100-101 (v. nota 3).

⁸ *Petrus*, na onomástica pessoal, é pouco comum na Hispânia, aparece unicamente em Tarraco, cf. VIVES — *op. cit.*, n. 3, p. 71, n.º 235 (= ALFÖLDY, G. — *Die römischen inschriften von Tarraco*, Berlin, 1965, p. 443, n.º 981; *Pierus* é um cognome romano conhecido em *Pax Iulia* e uma variante deste antropónimo (*Pierius*) apareceu recentemente num epitáfio paleocristão de Mértola, datado do ano de 507, cf. "Ficheiro Epigráfico", Coimbra, 9, 1984, n.º 35. A hipótese de termos tido aqui um *Severus* é muito remota se bem que este cognome romano esteja também documentado na epigrafia paleocristã do sul da Lusitânia, cf. VIVES — *op. cit.*, n. 3, p. 30 (v. nota 1), que indica um presbítero pacense com este nome; *Arus*, *Carus* e *Caprus*, estes dois últimos representados nas inscrições cristãs, não devem ser considerados tendo em atenção os vestígios das hastas verticais que antecedem *...rus*).

⁹ Cf. VIVES — *op. cit.*, n. 3 (v. nota 1), que não recolhe qualquer outro exemplo em inscrições funerárias.

¹⁰ Cf. IV. — *Ibid.*, p. 8; na p. 15 diz que esta forma verbal é particularmente comum na Bética.

O epítáfio paleocristão de Alameda,
Vila Verde de Casinho (Beja)

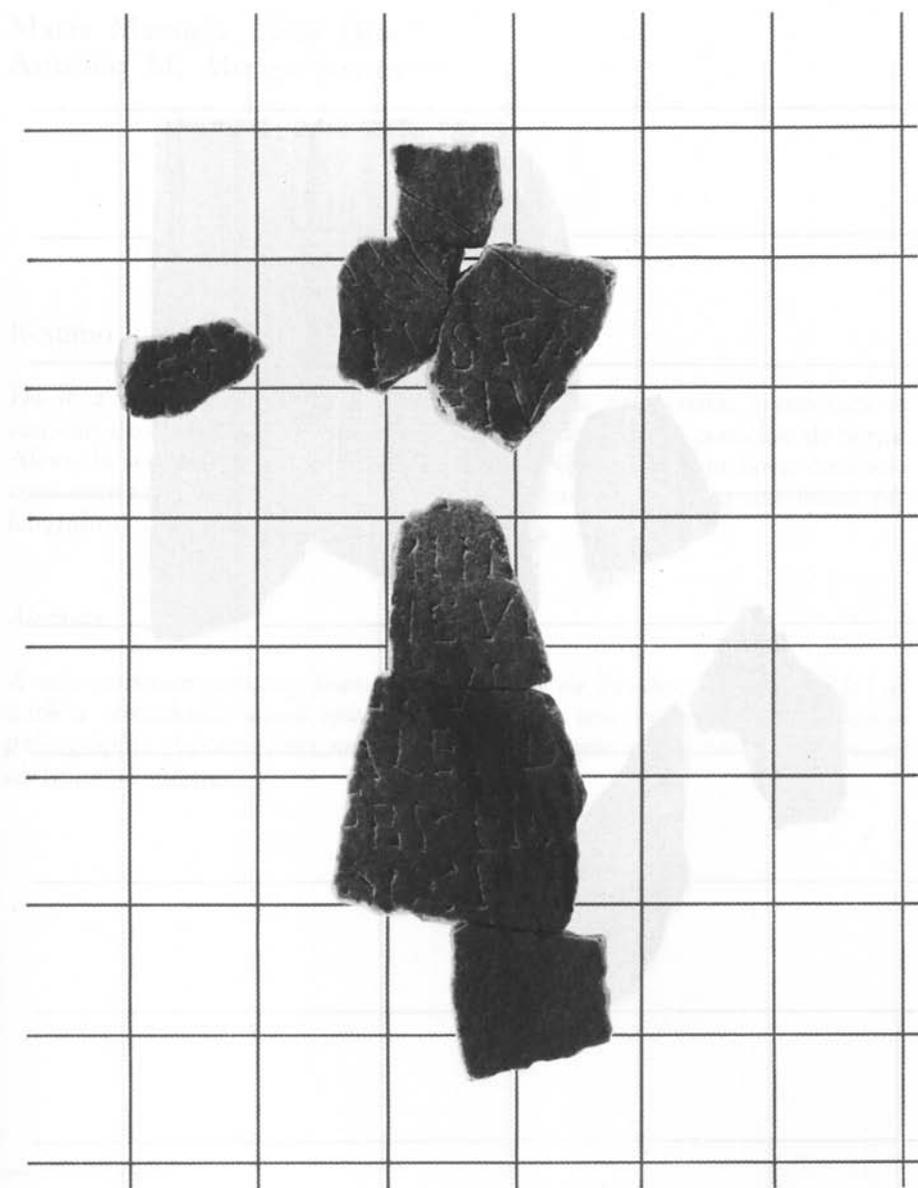


Fig. 1 — Fragmentos da inscrição de Mértola.

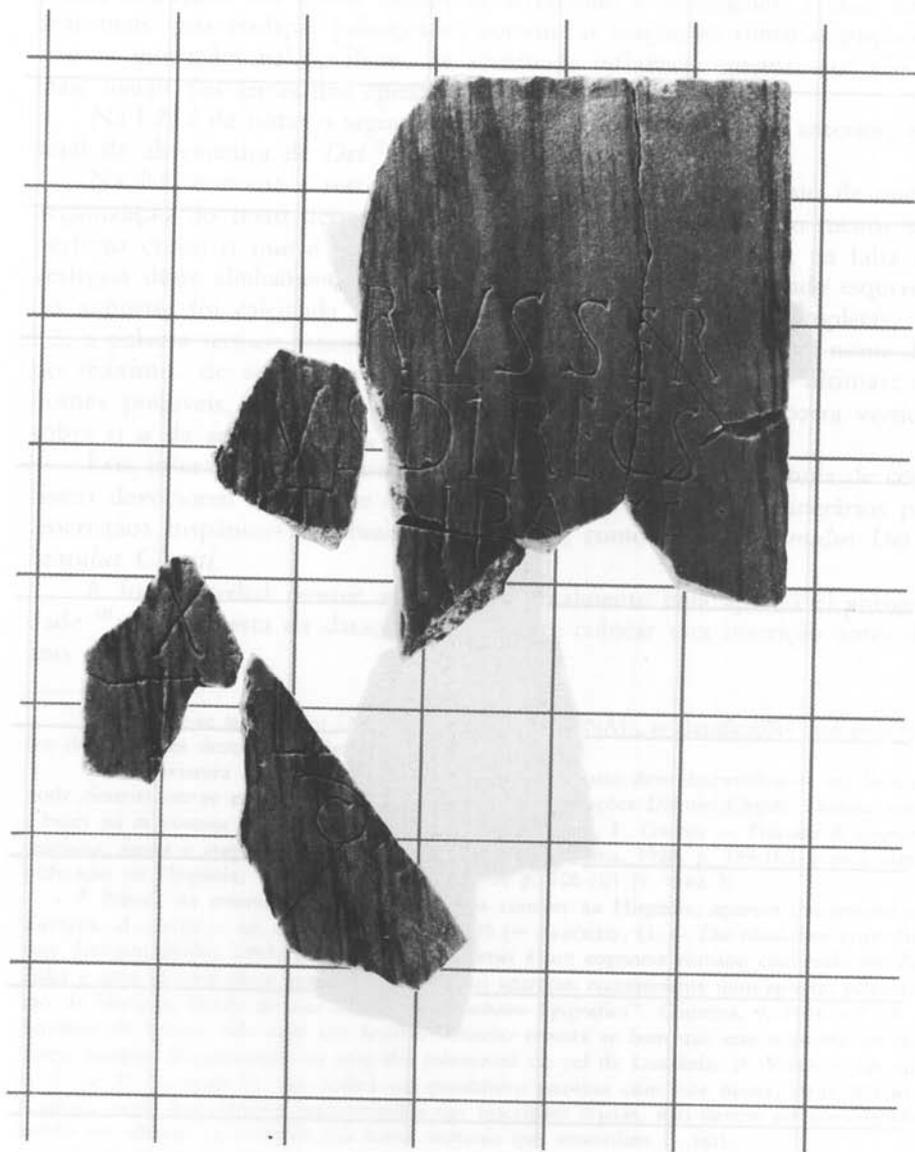


Fig. 2 — Fragmentos da inscrição da Silveirona (?)